



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEdoC

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO NA ESCOLA POLO MUNICIPAL
RURAL SÃO MANUEL ANASTÁCIO-MS

ELAINE PERES MULLER

Planaltina – DF

2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEDOC**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO NA ESCOLA POLO MUNICIPAL
RURAL SÃO MANUEL ANASTÁCIO-MS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo com habilitação na Área de Linguagens.

Orientadora: Prof. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Planaltina – DF

2013

ELAINE PERES MULLER

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO NA ESCOLA POLO MUNICIPAL
RURAL SÃO MANUEL ANASTÁCIO-MS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção ao título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Aprovada em 05 / 12 / 2013

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP) – Orientadora

Prof. Msc. Roberta Ribeiro Rocha (LIP/unB) – Examinadora

Prof. Dra. Monica Castagna Molina (UnB/FUP) – Examinadora

Prof. Dr. Djiby Mané (UnB/FUP) – Examinadora

Planaltina – DF

2013

Dedico este trabalho

As minhas amadas filhas, Maria Eduarda e Karine que viveram cada momento desta jornada comigo e que me completam a cada dia. Aos meus irmãos e irmãs que muito me apoiaram e se consigo chegar até aqui, sou grata a eles pelo apoio e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Ao bom Deus que me deu o dom da vida e me proporcionou força e sabedoria. Agradeço à minha professora e orientadora Rosineide Magalhães de Sousa, por acreditar na minha capacidade, compreendendo meus limites e que muito me ensinou não somente no aprendizado, mas também como ser humano.

Aos Educadores da banca, aos quais só tenho a engrandecer em colaborar para engrandecer minha pesquisa.

A todos os meus professores e professoras do Curso de Licenciatura em Educação do Campo que fizeram parte de toda esta caminhada e muito contribuíram comigo.

A Escola Polo Municipal Rural São Manoel, que me proporcionou abertura para o desenvolvimento de atividades durante todo o curso.

Agradeço ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, pela oportunidade de formação de educadores do campo, e em especial a Mônica Molina que sempre contribui para existência e permanência do curso.

Aos meus colegas de graduação da turma Dandara pelo acolhimento e convivência no coletivo.

A toda minha família, que se hoje chego aqui, tem uma grande parcela de contribuição de todos eles, a minha comadre que me acompanhou desde o início me incentivando e apoiando durante estes quatro anos de grandes desafios, e ao meu querido companheiro que nos momentos mais difíceis estava ao meu lado dando força e carinho.

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

Paulo Freire

LISTA DE AB REVIATURA

UnB - Universidade de Brasília

FUP- Faculdade de Planaltina

LEdoC - Licenciatura em Educação do Campo

STR - Sindicatos dos Trabalhadores Rurais

CPT - Comissão Pastoral da Terra

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MS - Mato Grosso do Sul

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria

PRONACAMPO – Programa Nacional de Educação do Campo

TU – Tempo Universidade

TC- Tempo Comunidade

EPMR – Escola Polo Municipal Rural São Manoel

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

[...] supressão de falas

.. Pausa breve

... Pausa Longa

RESUMO

Este trabalho consiste em investigar as variedades linguísticas existentes no Assentamento São Manoel e na escola com alunos das séries finais, no intuito de compreender como as variações são trabalhadas em sala de aula, por professores de língua portuguesa das séries finais, do Ensino Fundamental, 8º e 9º anos. Buscamos subsídios nos teóricos linguistas para a realização deste estudo na pesquisa de campo e para analisar os dados recolhidos de moradores da comunidade e estudantes. Está fundamentado em uma pesquisa qualitativa com base teórica da sociolinguística. O estudo teórico da sociolinguística mostra que a língua tem um mar de diversidade, que permeia entre os falantes e está em constante transformação. A falta de conhecimento dos professores de língua portuguesa, sobre a variedade linguística, faz com que o estudo linguístico fique limitado nos livros didáticos e gramática normativa, dificultando uma visão ampla sobre as variedades linguísticas dos alunos. Desta forma, este estudo das variações contribuirá na construção de sujeitos críticos, com visão ampla da língua humana, com a finalidade de compreender as variedades sem estigmatizá-las.

Palavras – chave: Variação linguística. Variedades e ensino na educação do campo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - METODOLOGIA DE PESQUISA	16
1.1 -Pesquisa qualitativa	16
1.2 Pessoas pesquisadas.....	16
1.3 - Instrumentos de pesquisa	17
1.4 - Contexto do Assentamento São Manuel e Escola EPMR São Manoel.....	18
1.5 - Objetivo geral	19
1.6 - Objetivos específicos	19
1.7 - Pergunta norteadora	19
CAPÍTULO II - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	21
CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	25
3.1 - Variedades linguísticas	27
3.2 - Norma linguística	29
3.3- Níveis de variação linguística.....	32
CAPITULO IV- ANÁLISE DE DADOS	36
4.1- Variação linguística de moradores do Assentamento e alunos da escola Polo Municipal Rural São Manoel	36
4.2 – Variedade linguística de moradores do Assentamento São Manoel	36
4.3 - Variedade linguística na Escola polo Municipal Rural São Manoel	40
4. 4 – classificação linguística de algumas frases de moradores e alunos	42
4. 5 - Variação fonética – fonológica	43
4.6 - Variação semântica	44
4.7 - Variação morfossintaxe	45
4.8- Variação lexical	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO

Através do objeto de estudo denominado “língua” que pode ser entendido como um sistema de sons e significados, que se organizam para permitir a comunicação e interação humana, neste sentido, pode-se analisar a fala de uma determinada comunidade e as diversas situações de transformação e influências que a sustentam. A língua é uma rede de relação e comunicação humana, inevitavelmente está em transformação em função de todo um contexto histórico social que permite suas variações, sendo estas, de acordo com sua distribuição geográfica, classe social, atividades diárias que demandam comunicação e interação dos sujeitos envolvidos nos discursos dialetais e culturais.

A Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade e o uso dos que são reflexos das estruturas sociais e culturais dos falantes. Portanto, tem-se com este trabalho o propósito de analisar as variedades linguísticas de alguns moradores do Assentamento São Manoel, município de Anastácio MS e como estas variedades são trabalhadas na escola com os alunos das séries finais, do Ensino Fundamental, do 8º e 9º ano. A pesquisa é investigatória de caráter qualitativo, possibilitando um maior entendimento das variedades linguísticas, suas causas e influências. Para esta investigação, foram feitas observação da diversidade linguística entre moradores, pesquisa sobre o ponto de vista dos professores que trabalham com a língua na escola, observação em sala de aula das variações entre alunos, com intuito de analisar o ensino da língua formal e a língua materna.

Para nortear o estudo sociolinguístico e as pesquisas de campo utilizamos das teorias de vários linguistas, entre eles; Bagno (2002 e 2007), Sousa (2007), Freitas (2013), Antunes (2007) entre outros.

Para melhor compreensão do trabalho, organizamos em quatro capítulos sendo a introdução que apresenta o objetivo da pesquisa. O primeiro capítulo traz a metodologia utilizada na pesquisa. No segundo capítulo é apresentada um breve histórico da Educação do campo. O terceiro capítulo traz a fundamentação teórica da sociolinguística, e o quarto capítulo mostra a análise dos dados coletados na comunidade em pesquisa, seguido das considerações finais.

Após os estudos teóricos sobre a sociolinguística e suas variações estudadas na LEdoC – (Licenciatura em Educação do Campo), observamos que a língua tem uma amplitude e está em constante transformação, em função da miscigenação dos falantes e sua interação social, em que teóricos pesquisadores linguistas, como Marcos Bagno, defendem que as variações linguísticas existem não por que as pessoas são ignorantes, mas porque a língua é inevitavelmente heterogênea e múltipla. Portanto, a norma culta não deve ser absolutizada como sendo um recurso suficiente, mas deve sim ser usada adequadamente de acordo com a situação de cada falante e monitoradamente na escrita, pois não existe língua sem variação e não existe variação sem língua.

Tendo uma visão mais ampla da linguagem humana a partir de vários teóricos estudados, pude observar durante o período de estágio que realizei no 8º e 9º ano, do ensino fundamental, no período do Tempo Comunidade na Escola Polo Municipal Rural São Manoel, que as variantes linguísticas trazidas pelos alunos são tratadas na escola de forma fragmentada. Não sendo elas discutidas e reconhecidas como língua materna do aluno, sendo que, quando os alunos chegam até a escola já possui seu vocabulário de acordo com sua língua materna, pois existe todo um processo histórico cultural e familiar dos falantes que ao chegar na escola são “desvalorizada”, em função da norma padrão. Esta posta para ser ensinada como sendo a mais eficiente, não levando em consideração que existe todo um conjunto de atitude linguística que utilizamos para nos comunicar desde a infância.

E o vernáculo que aprendemos em casa com os familiares antes de chegarmos à escola, e que também sofre mudanças sempre de acordo com a realidade do falante, sua região, mudanças sociais e tecnológicas. Sendo assim, buscamos investigar as séries finais do ensino fundamental 8º e 9º ano, em função de os alunos irem para o ensino médio e até mesmo para uma universidade sem compreender o ensino da língua e seu leque de variedade que inevitavelmente estamos inseridos.

Os estudos linguísticos dos intelectuais que buscam compreender as variantes existentes, dão-nos suporte para pesquisar fatores reais existentes no dia-dia de uma comunidade com diversidade de dialetos. Pois, mais que a língua tenha variedades, tem sempre um contexto histórico que deve ser

reconhecido e valorizado, porém, as mudanças na gramática normativa desvalorizam o vernáculo brasileiro, trazem a forma culta como sendo a correta e padrão a ser ensinada nas escolas, sem levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos.

A língua possui múltiplas variedades e características próprias que devem ser valorizadas e não estigmatizadas pelos falantes de norma padrão que muitas vezes julga-as como sendo errada. Não se trata aqui em dizer o que é “certo” ou “errado” se ensinar na escola, mas sim de discutir juntamente com os professores alunos as diversas formas linguísticas de um determinado lugar ou de um povo. Para que as pessoas possam compreender as variedades existentes entre si sem preconceitos linguísticos e mitos como afirma o título do livro de Marcos Bagno “Nada na língua é por acaso”.

Tendo em vista que a língua é heterogênea, ou seja, esta vinculada a todo contexto social do falante, a escola deve utilizar desses conceitos linguísticos para fazer um paralelo entre língua materna e língua padrão, pois cada uma tem suas especificidades de acordo com cada falante. Sendo assim, a escola deve ser o lugar de interação linguística, colocando os alunos em contato com estas variantes, fazendo sempre paralelos entre a fala menos monitorada, a mais monitorada, utilizando a norma padrão na fala e na escrita sem estigmatizar as variedades da língua materna, explorando de forma relevante e eficaz a gramática normativa e o livro didático que dá suporte ao ensino da língua formal em diversos contextos.

A escola pode servir-se das teorias sociolinguísticas para mostrar aos alunos um mar de diversidade linguística entre falantes, pois não existe uma única língua ou uma única forma padrão a ser ensinada e cabe à escola mostrar estes mitos que a norma padrão traz nas gramáticas normativas. Não vem ao caso dizer aqui, que não pode se ensinar a gramática nas escolas, mas utilizá-la de acordo com as condições do aluno na realização das atividades, ou seja, é ir além do que já se faz, possibilitando aos alunos maior capacidade para utilizá-la adequadamente em cada circunstância, dialogando sempre com sua realidade.

Sendo assim, esta pesquisa das variantes linguísticas existentes na comunidade e escola, poderá contribuir com uma visão mais ampla da língua, linguagem e suas especificidades de acordo com cada falante e suas origens,

ajudando na conscientização de nossa sociedade de que não existe uma língua “correta”, o que se tem são variações que inevitavelmente circula entre os falantes de uma língua viva.

CAPÍTULO I - METODOLOGIA DE PESQUISA

1.1 - Pesquisa qualitativa

Neste contexto serão abordados os métodos da pesquisa qualitativa, e como esta emprega diferentes argumentações, estratégias de investigações da pesquisa para análise de dados. A pesquisa qualitativa é a análise de dados através do estudo das ações individuais e grupais, em que o pesquisador faz descrição e análise dos dados, da pessoa ou de um cenário, para discutir o tema proposto.

A pesquisa qualitativa é um processo investigativo no qual o pesquisador gradualmente compreende o sentido de um fenômeno social ao contrastar, comparar, reproduzir, e classificar o objeto do estudo, esta se caracteriza pelo cenário escolhido para o estudo, ela é feita onde ocorre o comportamento humano em várias dimensões, do cotidiano e se concentra no resultado de dados coletado pelo pesquisador.

A coleta de dados em que o pesquisador prepara o terreno para a discussão das questões também pode servir de fronteiras para o estudo de levantamento de registros. Este registro de informações será através de observações na escola com alunos e professores, entrevistas com alguns moradores do assentamento e materiais didáticos utilizados por professores na disciplina de Língua Portuguesa, no caso desta pesquisa. Assim, o pesquisador irá identificar e pontuar os locais ou as pessoas propositalmente para o estudo linguístico em questão, facilitando seu trabalho investigatório.

1.2 Pessoas pesquisadas

Neste propósito, buscaremos tratar aqui sobre o perfil das pessoas entrevistadas da comunidade e escola que fazem parte desta pesquisa. A língua humana é heterogênea e suas variações linguísticas são de acordo com

a origem geográfica, grau de escolaridade, idade, homens e mulheres entre outros.

As pessoas a serem analisadas neste propósito são as que moram no assentamento desde seu início e que acompanharam todo o processo histórico de lutas e conquistas do assentamento. Na escola foi investigado como a professora de Língua Portuguesa das séries finais, do Ensino Fundamental 8º e 9º ano trabalha a variação linguística, e alunos das respectivas séries citadas. Estes alunos foram escolhidos em função de serem de séries finais do ensino fundamental, indo para o ensino médio. E de acordo com os estudos teóricos sobre o ensino da língua, podemos perceber que os mesmos não estão preparados para entender e discutir sobre a língua portuguesa na escola e seu uso no dia a dia. O seja, existe uma fragilidade na aprendizagem da língua em função de como esta é ensinada, trazendo consequências no aprendizado dos alunos no ensino médio e nos demais estudos acadêmicos.

De acordo com as investigações podemos perceber que os alunos não dominam a língua portuguesa ensinada nas escolas em função de não compreenderem suas próprias variedades.

1.3 - Instrumentos de pesquisa

Para identificar as variedades linguísticas existentes na comunidade e escola, foram realizadas: observação das maneiras de falar de um grupo de cinco (05) pessoas moradoras do Assentamento São Manoel localizado no Município de Anastácio – MS, tendo como base a família; entrevistas (diálogo) com professores sobre o ponto de vista das variações linguísticas existentes na escola, e observação em sala de aula das variações linguísticas dos alunos e como estas são trabalhadas em sala com os professores utilizando os materiais didáticos e a língua materna.

1.4 - Contexto do Assentamento São Manuel e Escola EPMR São Manuel

Não podemos falar da escola sem fazermos um breve histórico do Assentamento São Manuel, pois a escola é fruto das lutas das famílias aqui assentadas. Sua organização se deu com a ajuda das lideranças de Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR), Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O Assentamento São Manuel está localizado a 20 km da cidade de Anastácio e a 127 km de Campo Grande capital do Mato Grosso do Sul, com uma área de 4.327 hectares, área que compreende além dos lotes, reservas e áreas sociais das agrovilas.

Este assentamento é um exemplo de conquista da Reforma Agrária no Estado de Mato Grosso do Sul, sendo mais um assentamento com ocupação de famílias mobilizadas pelos movimentos sociais. Para a conquista da terra foi preciso três ocupações, onde houve três despejos de forma cruel e desumana. Aqui homens, mulheres e crianças enfrentaram a precariedade na busca de um objetivo comum que era um pedaço de terra para viver com dignidade e educar seus filhos.

Essa terra foi legalizada em 26 de fevereiro de 1993, quando foi implantado o Projeto de Reforma Agrária, através da resolução nº 28, do Conselho de Diretores do INCRA. A área foi dividida em 147 lotes que compreendem uma extensão de 4.327 hectares. As famílias aqui assentadas vieram de municípios diferentes do estado de Mato Grosso do Sul, como: Bonito, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Ivinhema, etc.

O assentamento foi formado por pessoas que moravam no estado, mas, que suas raízes familiares vieram de várias regiões do país como; Nordeste (Ceará), Sul (Paraná), Sul do oeste (São Paulo) e Minas Gerais, e Centro Oeste originários do sul mato-grossenses, com culturas e costumes diferentes que inevitavelmente é constituído de grande variedade linguística, onde até mesmo dentro de uma mesma família as variedades estão presentes.

1.5 - Objetivo geral

Investigar a variedade linguística do Assentamento e da escola São Manoel, principalmente nas séries finais do ensino fundamental. E, ainda, verificar como os professores de língua portuguesa abordam estas variações na escola.

1.6 - Objetivos específicos

- Identificar a variedade linguística do Assentamento São Manoel, com pessoas que vieram de diversos locais do Brasil e de outros países.
- Identificar a variedade linguística de alguns alunos do 8º e 9º ano, da Escola Polo Municipal Rural São Manoel.
- Refletir como a escola trata a variedade linguística dos alunos e como a variedade linguística poderia ser tema para o ensino da língua portuguesa.

1.7 – Pergunta norteadora

Como se apresenta a variedade linguística na comunidade e na escola do Assentamento São Manoel, especificamente, nos anos finais do ensino fundamental e como os professores de língua portuguesa abordam as variantes linguísticas?

A sociolinguística tem grandes contribuições para que possamos compreender as variedades existentes entre os falantes de uma língua viva, pois se as pessoas evoluem inevitavelmente a língua sofre modificações. Sendo assim, nos falantes temos que utilizar as modificações e variações a nosso favor classificando-as de acordo com as situações e necessidades.

Discutir o ensino da língua é de fundamental importância tanto como profissionais educadores, como falantes que trazem variedades no vocabulário. De acordo com estudos teóricos, podemos perceber que nossa política educacional brasileira não tem como objetivo discutir as variações linguísticas

de forma minuciosa que possibilitem um maior entendimento sobre língua, havendo equívocos no ensino e aprendizagem da língua nas escolas.

CAPÍTULO II - BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A política educacional brasileira perpassa por mudanças e conquista que muito marcaram o processo de educação, tendo por base o movimento de disputa em torno de projetos políticos educacionais, que acontecem na sociedade sendo intencionais visando uma melhoria para o mercado de trabalho em geral. As escolas do campo têm graves problemas, quando se fala em educação ou formação de professores e são muitas as contradições e empecilhos que - se tem, pois muitas escolas não tem infraestrutura adequada com materiais didáticos que auxilia o professor e até mesmo uma formação continuada aos educadores, para que ofereçam aos os educandos uma educação de qualidade.

Sabemos que a educação sempre foi comandada pelo sistema capitalista, pois o desenvolvimento da sociedade precisa de educação para a formação de pessoas para o mercado de trabalho, detendo o controle entre a classe dominante e a classe trabalhadora. Sendo assim, para o sistema capitalista não convém formar sujeitos contra hegemônicos que possam vir disputar espaço na sociedade. Portanto, este modelo de ensino vem para dificultar a compreensão do sujeito como ser pensante capaz de escolher suas ações na sociedade com um olhar crítico sobre a realidade.

As leis de diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo, na lei orgânica que tratava do ensino agrícola, no decreto-lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946, que tinha como objetivo principal a preparação profissional para os trabalhadores, e esse curso era destinado aos mais pobres. Na constituição de 1934, no art.198 tinha como objetivo “a educação é direito de todos e será dada no lar e na escola”, sendo benefício ao povo do campo ainda existem lacunas e controversas que não satisfazem a educação, pois os direitos individuais são muitos falados já os direitos sociais são poucos lembrados.

Utilizando das normas e leis, a educação do campo que almejamos trata de uma política pública de interesses das classes trabalhadoras, travando uma luta que contrapõe a burguesia, com propostas pedagógicas embutidas na coletividade e formação do sujeito que ali vivem, em que possam ter

educadores que entendam a sua realidade, formados com uma visão de mundo contra hegemônica nesta sociedade capitalista que impõe os métodos de ensino. Assim, como Gramsci defende a formação de uma escola, totalmente diferenciada da atual, que além de “desinteressada e formativa”, está a sucumbir em crise. A escola de Gramsci defende uma nova concepção de organização em que haja vida coletiva, criação de boas condições humanas, didáticas e físicas com responsabilidade, autonomia e criatividade.

Convém lembrar os Marcos Normativos, que fazem parte da política educacional, pois nasceram de um processo histórico de lutas dos povos do campo através das necessidades e realidades do campo, direitos de uma educação diferenciada e contra hegemônica em que os direitos civis, direito político, direitos sociais devem sempre ser trabalhados em função de uma visão crítica sobre o ensino nas escolas em geral.

As Políticas públicas de Educação do Campo surgiram de lutas unitárias feitas pelos próprios trabalhadores e suas organizações para garantir o direito das populações do campo à educação e que as experiências político-pedagógicas acumuladas por estes sujeitos fossem reconhecidas. Assim também vão surgindo novos programas, como PRONACAMPO que não conseguiu assegurar as expectativas pelo decreto 7532 de 4 de Novembro de 2010. Visto que este programa tem o caráter de preparação de mão de obra, em ambos os casos a lógica supõe, como é próprio ao modo de produção capitalista, não sendo uma proposta eficaz com a proposta de educação que almejamos, mas que de certa forma podemos utilizá-la a nosso favor.

A proposta de educação do Campo que buscamos, esta vinculada ao direito, à terra, ao trabalho e à justiça social, para que não seja simplesmente um repasse de conhecimento mecanizado, mas que valorize o sujeito. Portanto, sabemos que se têm os problemas estruturais e políticos que entendemos serem frutos dessa hegemonia do capital que tem como ênfase garantir elementos de política pública que permite avançar na preparação da mão-de-obra para o mercado de trabalho.

A concepção de educação do campo é de uma visão de totalidade que garanta uma educação vinculada ao direito de acesso à terra, ao trabalho e à justiça social, à política pública que considere o sujeito e suas necessidades. Nesta perspectiva, podemos dizer que uma das conquistas da educação do

campo é que estão sendo formados educadores sem perder o vínculo com o campo, tendo em vista que conseguimos levar para as escolas e secretarias municipais cursos de nível superior.

Mesmo que ainda não conseguimos desenvolver nossas escolas nos moldes Gramsciano, por estarem alienadas ao sistema urbano, já existem frutos a serem colhidos posteriormente e que serão aumentados gradativamente. Pois, quando as licenciaturas surgiram, isso era um projeto somente para suprir o número de educadores do campo. Mas ocupando espaços e fazendo diferente, podemos ampliar a proposta de uma educação libertadora e irmos além de uma simples formação de professores que repassa o conhecimento científico aos alunos de maneira mecanizado.

A escola viva que Gramsci defende objetiva sim formar sujeitos que saibam fazer uma leitura crítica da realidade, se posicionando na sociedade hegemônica em que vivemos, e sentir-se como parte dela e agir como sujeitos de direitos.

A Licenciatura em Educação do Campo surgiu pelo processo de reflexão da atual educação brasileira, pois se analisarmos o processo de educação desde antiguidade perpassando por todos os demais períodos, podemos ver mudanças e benefícios. Sendo assim, a educação não pode ser vista como uma utopia, mas são conquistas que vem crescendo a cada dia com propostas pedagógicas diferenciadas que venham contrapor o sistema de ensino tradicional .

A Licenciatura em Educação do Campo atende ao público de pessoas que vivem no campo que fazem parte do processo de lutas, com um propósito de uma pedagogia transformadora, com métodos de ensinar que valoriza o sujeito e o faz ter uma visão ampla de mundo, deixando de ser um objeto do sistema e sendo um intelectual capaz de ver a essência além das aparências, ou seja, ir além do que está posto, se reconhecer na sociedade e fazer parte dela como um ser humano de valores e direitos .

A licenciatura do Campo com a proposta de uma formação emancipadora proporciona aos sujeitos construir sua própria história, reconhecendo e valorizando a comunidade em que vive, tendo como objetivo uma escola do campo não apenas uma escola no campo, buscando uma unificação entre escola e comunidade, ou seja, uma escola que dialoga com a

família para que a família venha se unificar a escola com o compromisso de garantir uma qualidade vida digna a todos.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) objetiva formar profissionais habilitados para atuarem nas séries finais do ensino básico, fundamental e médio, possibilitando a transformação dos conhecimentos empíricos históricos adquiridos em seu percurso histórico em conhecimentos científicos e serem transmitidos aos demais educando do campo.

Sendo assim, o curso tem algumas especificidades que vêm contribuir para o ingresso de jovens e adultos, oferecendo uma formação continuada sem que deixe seus afazeres da comunidade. O modelo de alternância busca oportunizar e conciliar o tempo estudo (TU) na Universidade com os demais tempo trabalho na comunidade (TC).

Ao organizar metodologicamente o currículo por alternância, entre Tempo Universidade e Tempo Comunidade, a proposta curricular do curso objetiva integrar a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, mas também nos tempos de produção da vida nas comunidades onde se encontram as escolas do campo (MOLINA e SÁ, 2012, p.468).

A licenciatura em Educação do Campo, com a proposta pedagógica multidisciplinar, envolvendo áreas do conhecimento que atendem a Linguagens e Ciências da Natureza e Matemática, são disciplinas que envolve um trabalho interdisciplinar entre os conteúdos e entre os educadores, possibilitando o intercambio entre (TC) tempo comunidade com o (TU), tempo universidade.

A metodologia alternada do curso faz com que o educando se envolvem com a comunidade, identificando os conflitos estruturais existente através das pesquisas de campo solicitadas pelos educadores. As atividades de tempo comunidade estão relacionadas interdisciplinarmente, possibilitando uma maior compreensão dos educandos, sendo assim, eles se identificam na sua realidade tendo uma maior clareza de suas ações.

CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

O Brasil é constituído de uma miscigenação racial entre povos, com misturas de etnias dando origem a inúmeras variedades linguísticas. Os colonizadores portugueses trouxeram para o Brasil a cultura e a Língua Portuguesa. Esta se foi transformando com os contatos entre as pessoas, surgindo vocábulos e expressões originárias daqui, surgindo assim novas pronúncias, que podemos definir como sendo uma linguagem de um povo ou de uma determinada localidade, com particularidade e influências das línguas indígenas, africanas e europeias.

Sabemos que língua é um conjunto de palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação, ou seja, é um conjunto de regras gramaticais que utilizamos na expressão escrita ou verbal. Sendo que a linguagem é um sistema de signos que permite a comunicação entre os indivíduos de uma comunidade linguística para expressar ideias, sentimentos, modos de comportamento, etc.

Portanto, falar da língua e não de variação linguística seria um grande equívoco, pois é impossível conceber uma sem a outra. Pesquisas teóricas nos dão suporte para compreendermos as variedades linguísticas existentes.

A sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando pesquisadores linguistas decidiram que não era possível estudar a língua sem levar em consideração a sociedade em que ela é falada.

Labov (1963) foi um linguista que muito contribuiu com suas teorias que defendendo que não existe uma língua isolada e sim todo um processo de interação e variação que está correlacionado sistematicamente a diferenças sociais e que não chegam a um denominador comum em função das múltiplas mudanças. Em suma, a Sociolinguística busca relacionar heterogeneidade linguística e heterogeneidade social, pois língua e sociedade estão juntas inevitavelmente.

Ainda quanto ao surgimento da sociolinguística, Tarallo (2001) postula que:

Foi, portanto, William Labov quem, mais veemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos). (p. 7).

Estudar as variedades linguísticas de uma determinada comunidade, nada mais é do que compreender os diversos modos de se falar uma língua, levando em consideração os fatores sociais que a influenciam. A partir das teorias linguísticas existentes, buscaremos nesta pesquisa compreender as variedades existentes e como são tratadas na escola para possivelmente contribuir nas discussões com alunos e comunidade que estamos pesquisando. Sabemos que é amplo e complexo o ensino da língua nas escolas, em função das diversidades pedagógicas dos professores de língua que se baseiam em métodos simplesmente repetidores, oferecendo uma educação em função de políticas públicas, capacitando os alunos apenas para o mercado de trabalho, evoluindo de acordo com a tecnologia e não juntamente com as descobertas e renovação da linguagem humana.

Para dar continuidade ao referencial teórico, que serve de embasamento para a compreensão das variações linguísticas existentes, buscaremos referências aos linguistas: Bagno, Antunes, Calvet, Bortoni- Ricardo entre outros .

Segundo nos aponta Levi-Mattoso (2008), a sociolinguística procura descobrir as leis sociais ou normas que justifiquem o comportamento de determinada língua e o comportamento de um falante em relação à língua usada dentro da comunidade.

Para o autor, contrariando os princípios do estruturalismo de Saussure e do gerativismo de Chomsky que concebem a língua como realidade abstrata, independente de fatores extralinguísticos, a sociolinguística surgiu na década de 60, nos Estados Unidos, tendo como representante de expressão William Labov.

Mollica e Braga (2008) comentam que “A sociolinguística, estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (p. 9)

Ao se ater na relação existente entre língua e sociedade, a sociolinguística está voltada aos usos linguísticos de falantes em determinados contextos sociais e situações.

De acordo com Bagno (2007), o objetivo central dessa corrente teórica é estabelecer relação entre a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Assim, língua e sociedade estão interligadas.

Já Levi-Mattoso (2008) defende que o objeto de estudo da sociolinguística são as variações que ocorrem na língua falada que é tomada como entidade concreta, heterogênea, na relação com seus usuários no contexto geográfico, social e interacional, ao contrário da ótica estruturalista.

Para o autor, é relevante destacar que a heterogeneidade da língua adquiriu um status científico a partir de estudos desenvolvidos por Labov, em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, em Massachussets, Estados Unidos, onde pesquisou variedade do inglês americano. Em 1964, estudou o inglês falado em Nova York. Com esses estudos, Labov conseguiu comprovar a variação de usos da língua em função da variação social. Definiu também, a língua falada como escopo da sociolinguística. Dessa forma, surgiu a sociolinguística variacionista, com que se firma a variação da língua.

3.1 - Variedades linguísticas

Como afirma Bagno (2002, p. 23) a língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. Se tivermos isso sempre em mente, podemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – (a língua) – para um plano concreto – os falantes da língua. Sendo assim, a língua poderá ser considerada um fato social sem estigma, pois a norma culta não deve ser vista como algo estável e acabado pronto para o consumo. Todos têm o direito de conhecer as classificações gramaticais de norma culta, seja o falante do meio urbano de classe média, seja o falante do campo de classe baixa, pois a língua inevitavelmente é utilizada por todos, e todos têm o direito

de utilizá-la no seu dia-dia de acordo com as necessidades de uma formalidade maior ou não.

Freitas (2013) afirma que a língua é utilizada de maneira homogênea por todos os seus falantes, porque seu uso varia de época para época, de região por região, de classe social para classe social e assim por diante. Para ela, nem de maneira individual pode-se afirmar que o uso da língua seja uniforme, pois conforme a situação, uma mesma pessoa pode usar diversas variedades de uma só forma da língua dependendo do contexto em que se situa.

De acordo com Travaglia (2000), as variedades linguísticas se dividem em dois tipos. Para ele, basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas: os dialetos e os registros (estes também chamados de estilos, por muitos estudiosos). Os dialetos são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. Já os registros são as variedades que ocorrem em função do uso que se faz a língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação.(p. 42)

De acordo com a citação, podemos perceber durante as entrevista realizadas com moradores do assentamento em um diálogo monitorado e uma conversa espontânea de uma *roda de tereré*. Esta variação depende do meio que se situa o emissor e de quem é o receptor. O entrevistado se põe de forma monitoradamente de acordo com a língua formal estabelecida gramaticalmente, com um determinado público, e em uma *roda de tereré* com um público menos escolarizado utiliza uma linguagem variada, ou seja, o entrevistado conhece as duas normas a culta e a não culta, e cabe a ele utilizá-la de acordo com sua necessidade ou situação.

Freitas (2013) salienta que por causa dessas variedades, é importante uma abordagem em sala de aula para que as dificuldades sejam evitadas. Sendo assim, os falantes poderão conhecer e utilizar a norma culta e a não culta sem estigma. Portanto, a escola deve sim ser um lugar de interação e comunicação entre falantes, que inevitavelmente traz variantes que às vezes são estigmatizadas entre alunos e professores.

3.2 - Norma linguística

Conforme nos aponta Paquette (2001) “o campo semântico de *norma* compreendem palavras que designam instrumentos de medição: *norma*, do latim *norma*, significando “esquadro”, nível, do latim *libella*, “pequena balança” e regra, do latim *regula*, “régua”. (p. 243)

Para ele, o estabelecimento das línguas vernáculas na Europa aconteceu por meio de documentos jurídicos. Sobre o surgimento das gramáticas, o autor pondera que,

se as gramáticas se apresentam até os nossos dias sob a forma de um verdadeiro código de direito, com a regra, os parágrafos, os artigos, as exceções quanto aos exemplos g2tirados dos autores, é porque elas têm mais ou menos uma função análoga à da jurisprudência. (PAQUETTE, 2001, 246).

O mesmo autor comenta ainda que antes do surgimento das gramáticas houve um primeiro sinal de metalinguística na Europa, em que foi criado um formulário que seria o primeiro movimento de normatização linguística mais sistemática dos gramáticos do século clássico. O referido formulário chegou também às fronteiras parlamentares. E foi nesse cenário legislativo que a língua passou a ser tema de discussões, ou seja, nasciam os primeiros discursos metalinguísticos.

Marques (2011) comenta que o normativismo surgiu, dessa forma, na esfera jurídica e passou a ser estendida à legislativa e chegou a gramática, que se constituiu politicamente em uma arma dos impérios, em um instrumento tão belicoso quanto a espada ou a arma de fogo.

Paquette (2001) comenta que uma investigação mais profunda das funções antropológicas que fazem da chancelaria o lugar de fundação da normatização da língua, tem sua base na escrita. O referido autor aponta ainda que outra variável que não pode ser apartada desse contexto é o poder. Sendo assim, é a partir do momento em que o escrito de uma língua intervém como

um lugar onde se pratica um certo trabalho sobre a língua que o processo de normatização pode historicamente se pôr em marcha. [...] a escrita, como “fragmento” e o “prestígio” técnico de que ela goza, uma grande parte do seu alcance e de sua aptidão para influir sobre o “resto” da língua lhe advém precisamente de sua proximidade do poder (PAQUETE, 2001, p. 248/251).

Diante disso, Marques (2011) salienta que a fundação da normatização da língua encontra-se na escrita, se constituindo em um lugar de onde se concretiza um trabalho sobre a língua, colocando em movimento sua normatização. Ligada ao poder, a língua pode influenciar sobre os aspectos da língua e legitimar a dominação.

Segundo Faraco (2002) a existência de diversas normas, levando em consideração que os grupos sociais se distinguem pelas formas linguísticas, são de uso comum. Dessa forma, em uma sociedade com o a brasileira, diversificada e estratificada, em função da miscigenação racial que foi constituída, há diversas normas linguísticas, e estas normas não deixam de chegar até as escolas.

O autor identifica ainda uma variedade impositiva da língua que se sobrepõe às outras, sendo a norma-padrão, explicando o seu surgimento na sociedade brasileira. A imposição da norma padrão nas escolas traz consequências de estigmas entre os falantes, e dificuldade na aprendizagem das variantes existentes.

Sendo assim, os alunos das séries finais do ensino fundamenta vão para o ensino médio e assim por diante sem entender o porquê de tantas regras gramaticais. Em muitas das vezes não dominam o uso da língua portuguesa nem na fala e nem na escrita ficando a mercê da sociedade que impõe as normas padrão e que não conseguimos nos adequar a ela, e esta não convém salientar as em seus escritos as variedades dos falantes, permanecendo então os equívocos linguísticos nas escolas no ensino da língua.

Diante disso, entendemos ser fundamental fazer um levantamento acerca da variação linguística, que para Mollica e Braga (2008) é entendida pela sociolinguística como um princípio geral e universal passível de análise e descrição científica, além de um fenômeno existente em todas as línguas naturais.

Sob essa perspectiva, Levi-Mattoso (2008) afirma que há muito tempo não se pode aceitar e utilizar uma prática pedagógica que anula os conceitos sociolinguísticos, uma vez que assim o professor estaria favorecendo o desconhecimento da influência sociocultural na língua, além de favorecer a discriminação, o preconceito e principalmente, a exclusão social com a língua e pela língua. Para o autor as variações linguísticas refletem o que há de mais genuíno na identidade do sujeito e negá-las significa negar ao homem o direito de dizer a língua e de estar no mundo por meio da palavra.

Para Oliveira (2013), a variação linguística é reconhecida como um incômodo para a maioria absoluta das teorias linguísticas. No entanto, uma vez que os fatos da variação não poderiam ser totalmente ignorados, surgiram inúmeras tentativas desde o início do século XX para lidar com fenômenos dessa natureza, seja para descartá-los ou para encará-los.

O autor comenta que para Saussure (1916) a variação linguística passou a ser relegada à parole e assim, fora do escopo da linguística que deveria se voltar para a langue.

Ao se descartar a variação como um fenômeno digno de ser investigada, a linguística de Saussure se voltou para a descrição dos sistemas abstratos. Para Saussure o significado e o significante eram elementos da langue.

Soares (2002) aponta que:

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva as dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada. (2002, p. 17).

Bagno (2002) salienta que “O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico.” (p. 52)

Essa variação acontece em todos os ambientes de falantes. No entanto, é na escola que ela fica mais evidente, pois, a mistura de raças e culturas faz com que há mudanças na língua humana tornando há cada vez mais viva.

Mesmo que a língua não é falada do mesmo jeito em todos os lugares, a escola só proporciona o ensino tradicional da Língua Portuguesa, direcionado para a nomenclatura gramática onde tudo que foge ao padrão da norma culta é considerado como 'erro' desconsiderando seus conhecimentos prévios que poderia ser mais uma ferramenta pedagógica ao professor de língua.

Utilizar-se do ambiente escolar com tantas variações, seria um reconhecimento e valorização da língua materna do aluno que inevitavelmente estão presentes, ou até mesmo usando-a para discutir suas origens e vertentes sendo um rico material pedagógico sem sair do contexto gramatical, facilitando seu entendimento e utilizando de acordo com o contexto, pois de acordo com Freitas (2013), uma vez que a Língua Portuguesa é heterogênea foram realizados diversos estudos sobre a variação linguística que registram pelo menos seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, de sexo, de geração e de função. Sendo assim pode ser analisadas e trabalhadas em todos estes aspectos.

Antunes (2007), em seu livro *Muito Além da Gramática* destaca que o professor deve propiciar ao aluno o conhecimento das variedades presentes na língua, pois trata-se de uma instituição social, que não pode ser considerada como forma de domínio e/ou classificada em escala de valores, pois muitas vezes os preconceitos são gerados por causa do desconhecimento da variação linguística.

Fregonezi (1975 apud FREITAS, 2013, p 5) aponta que: "A capacidade de utilizar corretamente a língua em uma variedade de situações socialmente determinadas é parte integrante e central da competência linguística tanto quanto a capacidade de produzir orações gramaticalmente bem formadas".

3.3- Níveis de variação linguística

A variação linguística também pode se dar em vários níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático.

Esses níveis acontecem em função da natureza espacial do indivíduo, são caracterizados pelos falares regionais.

O nível fonético-fonológico acontece quando uma palavra é pronunciada de diversos modos, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição/troca de um fonema. É o que caracteriza o sotaque. Como por exemplo, as diversas formas de se pronunciar o /r/, como na palavra porta. O nível morfológico varia quando existem modificações na forma das palavras esses termos expressam a mesma ideia, porém são construídos com sufixos.

A variação sintática se dá quando existem diferenças como no caso das concordâncias verbal e nominal, e também na posição dos termos na construção de uma frase. Como exemplo pode-se citar a expressão dê-me um cigarro usado em Portugal, e me dá um cigarro, falada no Brasil. Para exemplificar também pode ser citado o modo como o povo caipira constrói a negativa: não vai ninguém não ou nem vou aparecer, onde se pode constatar a presença de mais de uma partícula negativa na mesma frase.

O semântico é notado quando o significado e/ou o sentido de uma palavra varia em regiões diferentes, ou seja, o termo é o mesmo o que modifica é o seu significado. A ocorrência dessa variação depende de quem fala, para quem fala, onde e quando a fala acontece. A palavra *ata* é um exemplo desse tipo de variação, pois ela pode designar uma fruta ou um tipo de ofício; outra palavra nesse sentido é *vexame* que pode ser vergonha ou pressa. Essa variação depende, sobretudo, da origem regional do falante.

Já a variação lexical é a mudança de termos para designar um mesmo objeto. As palavras mandioca, macaxeira, aipim são empregadas para designar o mesmo tubérculo; as expressões guri, menino e moleque são utilizadas para designar uma criança do sexo masculino. Estas expressões são muito utilizadas no assentamento em pesquisa.

Por fim, a variação estilístico-pragmática está ligada ao grau de maior ou menor formalidade do ambiente e da intimidade entre os interlocutores, podendo ser utilizada pelo mesmo indivíduo em situações distintas de interação. As expressões 'por favor, abram o livro', 'abre o livro logo!' e 'vamos abrir o livro, gente' correspondem ao mesmo ato, porém são empregadas em situações diferentes de interação social.

Contudo, o problema está no fato de existirem pessoas que possuem um grau de escolaridade mais elevado e com um poder aquisitivo maior que consideram um determinado modo de falar como o “correto”, não levando em consideração essas variações que ocorrem na língua. O falante não é obrigado a usar determinado modo de falar apenas porque algumas pessoas, ditas importantes, o consideram como sendo o melhor, pois as variações são mudanças naturais da língua e não são exclusivas da língua portuguesa, todas as línguas possuem suas variedades.

Aurélio (2011) destaca que o processo de variação acontece em todos os níveis de funcionamento da linguagem. Contudo, geralmente é mais perceptível na pronúncia e no vocabulário, tornando variação um fenômeno complexo, uma vez que os níveis em determinados contextos, se realizam simultaneamente.

O autor aponta que os níveis da variação linguística são: o nível fonológico, morfossintático e vocabular. O primeiro deles está ligado à pronúncia que inevitavelmente traz variações. Na maioria das vezes é pronunciado como consoante pelos gaúchos e pessoas mais idosas. No entanto, praticamente em todos os outros estados brasileiros é pronunciado como a vogal “u” que na pronúncia pode ter um som diferenciado.

O nível morfossintático refere-se às questões de regência e concordância e muitas pessoas costumam conjugar verbos irregulares como se fossem regulares. Dessa forma, utilizam por exemplo, “deteu” ao invés de “deteve”. O autor afirma ainda, que as crianças durante o processo de aquisição da linguagem, muitas vezes, dizem “eu fazi”, ao invés de “eu fiz”. Assim, por meio da tentativa e erro, elas acabam incorporando a forma correta.

Finalmente, o nível vocabular refere-se às especificidades de cada região no tocante ao uso dos vocábulos. É por meio dele que se pode conceber como a palavra “mochila” no sudeste ou como “boroca” no norte do Brasil podem referir-se a um mesmo objeto. Isso acontece também com a mandioca, que também é conhecida por aipim e macaxeira, dependendo da região do país.

Aurélio (2011) salienta que esses fatos ocorrem devido à cultura inerente à região em que se utiliza cada um dos sinônimos.

Velasco e Sousa (2007) afirmam que é importante observar que o processo de variação acontece em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais fácil sua percepção na pronúncia e no vocabulário. Tal fenômeno é mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se superpõem. Sendo assim, os níveis de variação estão presentes entre os falantes seja de forma direta ou indiretamente podem ser reconhecidas, portanto investigar o uso dessas variantes na pronúncia é algo que fortalece a língua humana e a torna a viva. Diante dessas afirmações, fica cada vez mais claro que devemos ter um olhar mais profundo em relação ao ensino da língua, pois como a língua é viva, não podemos deixá-la neutra como se fosse um objeto que apenas utilizamos para comunicação, mas algo que possa esta sendo sempre sendo discutida em nosso meio. Com este propósito, vejamos no capítulo a seguir as análises de dados coletados em uma comunidade de falantes com variedades linguísticas e semelhanças entre si.

CAPITULO IV- ANÁLISE DE DADOS

4.1-Variação linguística de moradores do Assentamento e alunos da escola Polo Municipal Rural São Manoel

Neste capítulo, procede-se a análise de registro de falas de alguns moradores do Assentamento São Manoel no Município de Anastácio Mato Grosso do Sul, de acordo com o que foi citado acima no capítulo de metodologia.

Nesta seção examinaremos alguns registros realizados por meio entrevistas e depoimentos de moradores do assentamento e alunos da escola local. Para esta análise utilizaremos os níveis de variação de acordo com a sociolinguística com a finalidade de propor estratégias de ensino da língua portuguesa na escola utilizando as variações linguísticas dos alunos.

É necessário termos uma visão ampla do tempo e do espaço em que convivemos, bem como possibilitar através da educação uma visão política e crítica, formando leitores capazes de se expressarem com coerência em determinadas circunstâncias sem estigmatizar os diversos falantes da língua materna, mas utilizando o ensino da língua padrão a seu favor sempre que for necessário, pois ter o domínio e o conhecimento das normas gramaticais é preciso para se interagir no meio social em vive. São muitas as variedades da língua humana, portanto ensiná-las na escola de forma prazerosa é um grande desafio, pois não existe uma receita pronta e acabada, cabe a professores e alunos identificar o gosto pelo estudo da língua para utiliza-la e compreende-la sem que seja um peso nos períodos estudos e nos estigmas perante a sociedade.

4.2 – Variedade linguística de moradores do Assentamento São Manoel

Variedade ou variante linguística são as formas pela qual determinada comunidade de falantes, vinculados por relações sociais ou geográficas se fazem variar, ou seja, são possibilidades de variação dos elementos do seu sistema vocabulário, pronúncia, e sintaxe ligadas a fatores sociais, culturais, escolaridade, profissão, sexo, idade, grupo social etc.

Analisaremos aqui as variedades linguísticas de alguns moradores do Assentamento São Manoel localizado no Município de Anastácio Mato Grosso do Sul, em que os pesquisados variam de acordo com o citado acima. Para esta análise, tivemos um olhar mais profundo da origem dos moradores, ou seja, entender de onde vieram para compreendermos suas variedades e influências.

O Assentamento São Manoel em pesquisa se constitui de uma grande variedade linguística por ter moradores de vários lugares do país e até mesmo pessoas que vieram de outros países, trazendo suas culturas e conhecendo as culturas locais, havendo assim uma miscigenação cultural entre os falantes. E para compreendê-las um pouco e como elas chegam até a escola, foram analisadas 5 (cinco) pessoas da comunidade e em observação na sala de aula com as turmas do 8 e 9 ano relatando as variações de 4 (quatro) alunos destas turmas com variedades linguísticas diferentes. O levantamento de dados foi feito um questionário norteador afim de recolher dados importantes para compreender suas origens e facilitar o diálogo entre os entrevistados proporcionado aos mesmo espontaneidade na oralidade, sendo assim consegui identificar as variedades linguísticas e registrá-las.

O questionário foi realizado com pessoas de origem: Mineira, Cearense, Japonesa e dois Sul Mato-grossense. As entrevistas foram realizadas em agosto de 2013. Com a identificação das variações podemos compreender como elas chegam ate a escola e suas influencias no ensino da língua portuguesa.

Vejamos alguns exemplos das variações linguística da senhora de origem nordestina com o grau de escolaridade de ensino fundamental incompleto, em que elas traz em seu vocabulo variantes como:

...nois era lá do nordesti ciarence mesmo lá daqueles s chiado... Nós vendemu uma chácara...depois voltemos... gostu muito daqui viemus pra cá eu tava com 18 anos... veimus em seis famílias ...

Podemos observar nas frases citadas pela senhora nordestina o sotaque regional quando ela utiliza o S e R. são variações comuns entre os falantes desta região, mesmo não estando morando no nordeste eles trazem consigo

seus costumes e sotaques na pronuncia. A sociolinguística, nos oferece suporte para entendermos estas variações e classifica-las dentro dos níveis linguísticos como faremos mais a diante.

Observar os falantes de uma comunidade nos instiga a compreender suas origens familiares e regionais, pois observa-se que mesmo uma pessoa não sendo oriunda daquela localidade, ou vise e versa ela traz em seu vocabulário costumes e variações familiares que influencia no dialogo formal ou informal, como por exemplo podemos identificar variações durante a entrevista com o jovem /R/ sendo um Sul Mato-grossense com a escolaridade de Ensino Fundamental incompleto em que o entrevistado traz em seu vocabulário variações que estão ligadas a fatores diversos do seu cotidiano.

[...] onti nois foi pra cidade , fui na casa do meu cunhado e quando nós cheguemu la, tomemu em terere, depois mechemu na minha moto que tava ruim.e a noite nós fumu lá na avenida..tomemu uma cerveja...quando cheguemu im casa [...]

As variedades utilizadas nas palavras pelo entrevistado são claras, e de acordo com o que percebemos, estas variantes são em função de não ter o conhecimento das outras formas monitoradas para que possa formular uma frase monitorada ou de acordo com o ambiente de conversação, ou seja, tanto uma pessoa com grau maior de escolaridade e outra não, fazem o uso de variedades em sua pronuncia, pois estas são inevitáveis, portanto devem ser trabalhada em sala de aula.

Durante o diálogo, podemos perceber que suas origens familiares são de pessoas que não frequentaram a escola por muito tempo, por falta de oportunidade, desde seus pais e avôs. Sendo assim, toda a família traz em seu vocabulário com variedades e a norma culta da língua portuguesa fica sendo algo desconhecido desses falantes, pois mesmo que não é somente a escola que ensina ela deve sim ser à base de formação do conhecimento. No entanto, o ensino da língua deve criar possibilidades e condições para que os indivíduos possam utilizar de seu próprio conhecimento linguístico, para compreender as demais formas gramaticais existentes, ampliando assim sua visão sobre a língua. O espaço educativo é amplo, e a escola deve ser um lugar de

investigação da língua e da linguagem, pois segundo estudos teóricos não iremos encontrar respostas prontas na gramática normativa e a escola e professores não devem se fechar e ensinar de forma fragmentada a língua, mas sim utilizar do conhecimento materno do aluno que chega até a escola inevitavelmente.

No entanto, o ensino da língua deve criar possibilidades e condições para que os indivíduos possam utilizar de seu próprio conhecimento linguístico, para compreender as demais formas gramaticais existentes, ampliando assim sua visão sobre a língua.

Como dito anteriormente, as variedades existem entre os falantes são inevitáveis, pois dependem de vários fatores em que vive o falante como por exemplo um falante com o grau de escolaridade maior se monitora mais ao dialogar, por ter um conhecimento do uso gramatical.

Durante a elaboração do trabalho entrevistamos um pedagogo que atuou na escola do assentamento desde sua origem e que hoje não tem mais vínculo direto com a escola, portanto vejo a necessidade de uma reflexão sobre seu ponto de vista em relação ao ensino e em especial à linguagem. De acordo com os níveis linguísticos, podemos observar que o pedagogo entrevistado, utiliza da variação estilística, ou seja, uso um vocabulário monitorado, com conhecimento de nível superior que utiliza a variação de acordo com cada circunstância. Vejamos:

[...] Existem sim, variedades na forma de falar... mas, não interfere muito na relação uns com os outros não... Porque quase todos os alunos aqui da escola são nascidos e criados aqui mesmo [...]

[...] A cultura e os costumes das famílias são parecidos [...]

[...] mas é importante que os alunos conheçam as normas corretas para usar na escrita isso é importante [...]

Podemos notar que são mínimas as variedades utilizadas pelo entrevistado, acredito que por ter frequentado por maior tempo o ambiente escolar e universitário ele tem um vocabulário monitorado e com uma visão do ensino da língua como sendo algo indispensável para a formação acadêmica e posição na sociedade.

Entre os entrevistados, temos os que se monitoram em seus diálogos e os que não têm o domínio de monitoramento da língua culta gramatical por diversas razões do cotidiano.

Dentre as variedades existentes, podemos perceber durante as entrevistas que existe também pontos de vistas diferenciadas em relação às diversidades linguísticas de acordo com a origem familiar dos falantes.

Uma entrevistada de origem mineira com alguns costumes japoneses em função da convivência com o marido, ela se refere à variedade de uma outra pessoa como se sua cultura e seus costumes fossem a forma mais correta de se falar e já a do seu vizinho que tem variedades diferentes fossem o errado, não levando em consideração sua origem e cultura, como por exemplo quando ela se refere:

... Eu gosto muito do Japão lá é um lugar bom e o paraíso...

Nois fala si cubri, eles falam ribusa... O bichinha que coisa mais besta o jeito desse povo fala num é mesmo bichinha!...

Percebe-se que as variedades não são compreendidas entre os próprios falantes. Portanto torna-se importante discutir o tema variações linguísticas, para que haja conscientização da sociedade em relação ao erro que vem sendo cometidos por meio de julgamentos preconcebidos daqueles que se julgam adeptos da norma padrão culta sem mesmo domina-la, julgando os falantes de maiores variedades como inferiores.

4.3 – Variedade linguística na Escola polo Municipal Rural São Manoel

Para analisar o ensino da língua na escola e comunidade, houve um planejamento de como seria feito as observações e anotações do ponto de vista do professor de língua portuguesa atuante em sala, de alunos das séries finais do ensino fundamental. E a partir das observações e diálogos com professora de língua portuguesa da unidade escolar, fica subentendido que não há diversidade linguística entre os alunos.

Diante disso, apresenta-se a fala de uma professora de língua portuguesa em que a mesma afirma equivocadamente que não vê muitas variedades entre os alunos na linguagem oral e escrita. Mas, o que existe são

deficiências de aprendizagem da língua entre alguns alunos por inevitavelmente alguns terem facilidades e outros não.

No entanto, percebe – se que as variedades estão presentes nos sujeitos. Para isso seguem alguns dos dados recolhidos na escola durante observações orais que comprovem a existência dessas variedades entre os alunos. Estas são frases de alunos do 8 e 9 ano do ensino fundamental, que dialogam espontaneamente durante uma aula de língua portuguesa.

Aluno 1 – eu nun tem história prossora.. o que eu conta não vai convenha a voceis.

Professora- todo mundo tem história, conte algo.

Aluno 1- tava tudo errado no meu acontecimento... eu aprontei muito na escola queu estudava.. eu aprontava eu era o capeta.

Professora – fala um pouco de sua historia que marcou .

Aluna 2- iii... professora si eu conta.. só tem coisa cabulosa.. dexa queto tosuano meu pé taté melado di tanto calor vamu lá pra fora professora dibaxo do pé de manga.

Professora – fala então você (aluno 3).

Aluno – 3 - num tem nada de importante.. um dia na escola nós tava tudo atentado... nois combinemu di dexa a prossora doida.. nois foi la pra fora e quebramu tudo o vidru da escola.

Professora- Por que fizeram isso?

Aluno- 3- porque us minino me itanazavam..

Professora- o que é itanazavam ?

Aluno 3 – itanazavam! é mi dexava doido di raivai i porque aquela gazela saltitante era muito chata.. e nós num gostava da aula dela.

Professora- o que é gasela saltitante ?

Aluno 3- acho que é aqueles viadinhos do mato que fica pulano..

ALUNO -4 nunca vi ninguém falá isso agora.. vô chamá a... de gazela saltitante porque ela é muito doidinha.

As variações citadas, podemos dizer que não são apenas variações linguísticas ocasionais, mas tem pertinências culturais, regionais, estratos sociais e educacionais dos falantes, fatores estes que acaba levando os

professores a equívocos no ensino da língua a fim de corrigir estas variantes de acordo com as regras gramaticais sem o dialogo de suas origens juntamente com os próprios alunos que os traz presentes.

Dentre as observações da oralidade dos alunos durante as aulas, propusemos - lhes que produzissem espontaneamente um conto com o tema livre para que pudéssemos comparar a oralidade com a escrita. Neste propósito, observamos que os textos escritos são mais monitorados, havendo alguns erros ortográficos, mas que existe toda uma organização de concordância textual que mostra que estes alunos estão compreendendo o ensino da língua de acordo com as regras gramaticais. Ou seja durante as falas existem variações e na escrita tem um maior monitoramento, portanto não cabe a nos dizermos que não existem variações entre os alunos, elas existem sim e são evidentes. Para averiguarmos, seguem os textos em apêndices.

4.4—Análise linguístico de algumas frases de moradores do assentamento e alunos da Escola EPMR são Manoel

Para uma melhor compreensão das variações dos falantes contribuintes com esta pesquisa monográfica, as frases foram classificadas de acordo com a sociolinguística, sendo elas de moradores do assentamento e de alunos da escola, que apresentam variações dentro dos níveis linguísticos. Entretanto, estes níveis que foram utilizados no decorrer deste trabalho, não é feita uma análise aprofundada destes conceitos de acordo com os metaplasmos que a sociolinguística nos oferece, pois o intuito do trabalho é identificar as variações existentes e como elas chegam ate a escola, porém serão apresentada apenas algumas das variações, para isso, não são citados nomes dos entrevistados, mas utilizado apenas iniciais para identificação dos mesmos. Neste proposito, a identificação dos entrevistados estão classificada da seguinte maneira: aluno -1, aluno -2, aluno- 3, senhora N, senhora Nina, e jovem R. para esta identificação utilizaremos alguns dos recursos sociolinguísticos como:

4. 5 - Variação fonética – fonológica

A variação fonético-fonológica é caracterizada pelas diferentes maneiras que uma palavra pode ser pronunciada, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição de algum fonema.

De acordo com Bagno, (2007, p.41), quando um falante pronuncia uma palavra com o / s / chiado, essa pronuncia chama a atenção, provocando reações da parte de outros falantes de socioleto diferente do seu.

Exemplo da variação da senhora –N

A contribuinte traz em sua variante o som do / S / sibilante chiado, sendo ela de origem nordestina. Vejamos o exemplo.

Gostu muito daqui [...]

A palavra (gosto) que a nordestina pronuncia, o / s / tem um som chiados e longo, sendo esta uma variação fonética de acordo com sua origem e região,

Nóis vendemu uma chácara...depois voltemus... nesta frase que a senhora pronuncia / nois / houve o acréscimo da vogou / I /, a substituição da vogal / o / pela vogal / u / na palavra vendemu e voltemu, deixando de utilizar o plural no uso dos verbos.

Exemplificação de variações fonética de um aluno do sexo masculino, estudante do 9 ano do ensino fundamental.

Aluno 1-

Num vai **convenhá** a voceis [...]

nois combinemu di dexta a **prossora** doida [...]

us minino me **itanazavam** [...]

Senhora N-

viemus pra cá... eu tava com 18 anos...**veimus** em seis famílias [...]

Exemplo de variação do jovem -R

pur kas disso e ainda meu pai mi dismintiu [...]

4.6 - variação semântica

De acordo com Bagno (2007, p. 40), a variação semântica ocorre dependendo da origem regional do falante.

Exemplificação de variações de uma senhora de origem mineira com alguns costumes de origem japonesa em função de seu convívio com pessoas dessa origem.

era **burra** memu **burra** de mais ai desiste num adiantava não [...]. neste sentido a entrevistada se compara a um animal “ burro” em função de não apreender os estudos pois se acha inferior no processo de aprendizagem.

Podemos perceber nas frases citadas no questionário acima as variações na fonética – fonológica em que ocorre ditongação em / voceis/, arrois/ nois/, que é acrescentada por uma vogal alta / I /

Monotongação é quando é suprimido / ei / e / ia / “dexa” .

A modificação das vogais media / e / e / o /, nas palavras, “di”
nóis foi la pra fora e **quebramu** tudo o **vidru** da escola [...]

Nóis **vinhemu** prá uma chácara depois **voltemus** [...]

combinemu, vidru, quebramu, voutemus “”, por vogais alta / i /. Acontecem pela assimilação dos sons de as duas vogais serem alta.

“so tinha que trabaia trabaia ajudanu meu pai”.

A supressão do infinitivo “convenha”, “trabaia” ocorre no / r / final. Essa tendência esta na pronúncia pelos falantes em questão. E na palavra “trabaia”, ocorreu a supressão da consoante palatal / LH /.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2004, p 58) discorre: a vocalização da consoante lateral palatal / LH / e a perda do / R / final; a primeira regra tem caráter descontínuo e pode ser observada em trabalhar / trabaia / .

4.7 – Variação morfossintaxe

A variação morfossintaxe acontece na construção das frases em que o falante varia nas formas das palavras e na construção das sentenças.

Quando varia na construção de uma **concordância nominal**.

Exemplo da variação morfossintaxe da senhora – (Nina).

“gosto sim bichinha, aqui num é ruim não [...]”.

Exemplo de frases com variações do jovem – (R)

Quando há variação na construção de uma **concordância verbal**.

“quando nois **cheguemu** la, **tomemu** um terere dipois nois **fumu** [...]”

“onti nois **foi** pra cidade. Num da nada não [...]”

“**nois** foi la pra fora e nois quebramu tudo o vidru da escola [...]”

“meu pai mi dismintiu e falo qui era mintira [...]”

4.8 - Variação lexical

A variação lexical ocorre quando um objeto ou ação são designados por termos diferentes. O falante substitui um termo por outro para designar ao mesmo objeto ou ação.

Exemplificação da variação lexical da senhora – (N.)

“era muito difícil o **cacau**...” A palavra “cacau” que a entrevistada se refere significa também “**dinheiro**”, esta variação acontece de acordo com a região do falante.

“Pensa cumu era **custoso** [...]”

A palavra “**custoso**” se refere a algo **difícil**.

Exemplificação da variação lexical da aluna - 2.

“iiii... só tem coisa **cabulosa**, dexa queto [...]”

O que a aluna se refere como **cabulosa** é algo **estranho, assustador**.

Exemplificação da variação lexical da senhora - Nina.

eles falam **ribuça** e nois fala si **cubri** [...] .

esta variação ocorre quando o falante quer se referir ao ato de se **cobrir**.

acho que não tem diferença não **bichinha** [...]

O uso da palavra “**bichinha**” pela entrevistada, se refere a, **menina, mulher, garota...**

Exemplo da variação do aluno 3 –

us minino me **itanazavam**. [...] este termo se refere a **incomodar, atentar, deixava raivoso**.

eu aprontava eu éra o **capeta** [...] pode se utilizar os termos **atentado, terrível, danado**).

Aquela **gazela** saltitante [...] se refere a um animal “veado”.

Exemplificação da variação lexical da senhora – **N**

la agenti chama de **budegas** ou **bulicho**[...] também conhecido em outras regiões como; **bar, mercearia, bazar, venda**.

Tem tamem o **mungunzá** [...] este termo se refere a **polenta** ou **angu**.

esse s e r puxado **arretado**[...] **bravo, nervoso, agitado**.

vem cá proce **sunta** [...] esta palavra **sunta** se refere ao ato de observar, **analisar, averigua, olhar**,

Utilizando os recursos da sociolinguística, professores da Língua Portuguesa têm a tarefa de trabalhar a reeducação sociolinguística dos alunos não no sentido de fazer correções ou substituir um modo de falar pelo outro, mas no sentido de respeitar o que já se sabe e também, buscando novos conhecimentos. Devemos fazer com que o aluno reconheça que é possuidor de uma língua que lhe serve como instrumento eficaz de interação social, ressaltando que o “certo” e o “errado” são resultantes de visões de mundo, de juízo de valor, de crenças culturais e de ideologias. E exatamente por isso, estamos sujeitos a mudar com o tempo. Portanto, cabe aos professores a responsabilidade de despertar nos alunos a vontade de ampliar seu repertório comunicativo e adquirir novas práticas de letramento.

No entanto, frisamos novamente que é importante discutir o tema variações linguísticas na escola e de modo geral na sociedade, para que haja menos estigmas entre os falantes.

Em nossas escolas às variedades estigmatizadas devem ser enfrentado como parte do objetivo educacional que tenha como propósito respeitar as diferenças dos falantes, buscando uma maior valorização dos vernáculos existentes, reconhecendo neles a riqueza de nossa língua, de nossa cultura e de nossa vida pessoal.

Não deixemos de frisar que é dever da escola apresentar as outras regras gramaticais aos alunos, de modo que eles possam julgá-las pertinentes, adequando-as conforme a necessidade do contexto de fala, de maneira que isso não sirva de arame farpado entre os que falam “certo” e os que falam “errado”, ou seja, a escola como sendo um ambiente educacional deve buscar mecanismos para trabalhar as variações dos alunos e junto a elas explorar de maneira eficaz a norma padrão de ensino, que está posta nas escolas. Sendo assim, o aluno terá um entendimento maior do ensino da língua sem estigmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, investigar as variantes existentes em um grupo de moradores da comunidade São Manoel é uma investigação contínua e minuciosa, para compreender os fatos que as influenciam, sem estigmatizar os falantes como sendo o “certo” ou “errado”, mas que julgo necessário buscarmos contribuições teóricas e práticas para que os falantes se encontrem entre si sem preconceitos linguísticos que possam influenciar na realidade social em que vivem.

Verificamos por meio desse estudo, que as variações linguísticas estão presentes no dia–dia dentro da comunidade, na escola, com alunos e professores, e até mesmo no convívio familiar. Sendo assim, a sociolinguística nos faz entender estas variações não como um “problema”, um “defeito” da língua a ser corrigido, mas sim variações inevitáveis em função de diversos fatores sociais dos falantes.

Foi possível verificar, ainda, que os usos das variações estão de forma mais explícitas nos falantes que não frequentaram a escola por muito tempo, ou seja, não conheceram as normas gramaticais e seu uso em determinadas situações, não que as pessoas mais letradas não trazem em seu vocabulário variações, pois elas existem e estão presentes em vários contextos. Observamos também que a língua tem uma amplitude e está em constante transformação, em função da miscigenação dos falantes e sua interação social. Sendo assim, verifica-se que a língua é viva enquanto houver falantes, portanto o ambiente escolar deve sim ser um lugar de interação humana.

Neste intuito, buscamos com esta pesquisa contribuir de alguma forma com o ensino da língua na escola para que nossos alunos venham a reconhecer, valorizar e interagir com ensino da língua sem estigmatizá-las, pois as variantes estão presentes e devem ser tratadas na escola sem grandes fragilidades. Entretanto, compreendendo que se faz necessário apreender a norma padrão.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Renato Pereira. **Aspectos constitutivos da língua portuguesa**. 2011. Disponível em <http://www.files.projetovivalinguagem.webnode.com.br>. Acesso em agosto de 2013, as 19 h.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por Acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Loyola, 2002.

FREITAS, Wéllem Aparecida de. **Há variação linguística nas escolas públicas?** Disponível em <http://www.www.uel.br>. Acesso em agosto de 2013 as 14 h.

LEVI-MATOOSO, Margot. **Relação entre psicolinguística e sociolinguística**. 2008. Disponível <http://www..gpesd.com.br>. Acesso em agosto de 2013 as 13:00 h.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CALVET, L.J. **Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

CARBONI, Florence. **Introdução à linguística**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARCHETTI Greta. STRECKER, Heidi. CLETO Mirela L. **Para Viver Juntos**. Português, 9 ano do ensino fundamental. 1 ed. rev. São Paulo: Edições SM, 2009.

M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística**: O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008.

PAQUETTE, Jean – Marcel. **Processos de normatização e níveis/registros de língua**. In: BAGNO, Marcos (org.). Norma linguística. São Paulo: Loyola, 2001. p. 237 – 254.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A variação linguística e o ensino de língua materna. In: **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARQUES, José Geraldo. **Normas linguísticas e purismo**: algumas observações críticas. 2011. Disponível em <http://www.dialnet.unirioja.es>. Acessado em agosto de 2013.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento; SOUSA, Rosineide Magalhães de. Pedagogia: educação e língua materna II. 2007. Disponível em <http://www.fe.unb.br> Acessado em agosto de 2013.

Apêndice

O questionário foi realizado com pessoas de origem: Mineira, Cearense, Japonesa e dois Sul Mato-grossense. Vejamos:

Entrevista realizada em agosto de 2013, com uma senhora de origem nordestina que mora no assentamento desde sua origem, com a grau de escolaridade de Ensino fundamental incompleto.

Senhora – (N).

1- Qual a origem de sua família?

E – nois era lá do nordesti..ciarence mesmo lá daquelas (s chiado) terras pobri eu e o meu marido nós nos conhecemu lá mesmo ai vemu pra cá .

2- Porque vocês vieram para cá?

Vimos de Ceará pra trabalhá em uma fazenda aqui perto, lá as coisa era muito dificio.. naum tinha emprego e quando a genti casa a genti tem qui sai da casa do pai..né.

Nóis vendemu uma chácara.. depois voltemous pra norte e depois de dois anos.. depois veimus pro assentamento aqui perto.

3- Vocês gostavam de onde moravam?

Até que.. nois gostava de la..mais la.. mais la.. não tinha emprego. Lá a gente ara assim..comia só comida de milho e peixe... e ainda tinha que pescá era muito dificio o **cacau**.. pro cê entendê a genti so compra as coisa...nas vendas que la a genti de chama de **basar** ou **budegas**.. chegava.. assim pra comprá um poquinho de arrois.. di açuca e falava me **da uma meia ou um quarto de meia di arrois** (comprar por parte pequena). Era assim minina ninguém tinha dinheiro pra comprá um pacote de arois.. naum.. a coisa era dificio...aqui a genti num vê ninguém.. vende..assim no merca..hoje tudo mundo tem dinheiro antigamente naum.

4- Vocês gostam daqui onde moram agora?

Pra nós a vida aqui é melhor tem fartura.. gostu muito daqui . viemus pra cá... eu tava com 18 anos.. veimus em seis famílias..nois tinha uma colônia de cearense....Pensa cumu era custoso.. agente dançava nosso foro ixi nossa era bom di mais .

Minha fia.. cumê arrois pra.. nois lá era feeeesta...só tinha diveis inquando...sabi como eram comprado um terço de meia..nas vendas eles vendia tudo di poquinho... agente buscava na caneca num tinha farrtura assim não !!!

5- Quais os costumes culturais dessas famílias?

Gosto de tudo a polenta que se chama lá de **angu**.. o **cucus** que..aqui se fala.. lá nós chama de pao de milho. Tem tamem o **mungunzá** la... nois.. num conhece a canjica.. lá.. é mungunzá.

Di costume nosso nois gosta muito do foro. De lá é muito bom .

6- Consegue identificar alguma variação linguística entre as famílias?

Oxi minina vocês num falam goooostoso quinem nois não. Aqui é poca gente qui fala esse s e r puchado aretado (risos)...

7- A senhora percebe alguma variação na fala dos seus filhos comparando a outras crianças daqui?

Sim. Na escola eles tiravam saro dus meus nininus . Do sutaque do r. as crianças tirava saro do jeito qui elis falava . meus fi sofreu na iscola porque la na época tinha muito paulissssstta aquele povo mitida da colônia . depois não.. parece que todo mundo se acosstuma é.. Nois so arasta mais a fala e também o pe no forro.

8- Qual é o grau de escolaridade da senhora?

Estudei ate 4 ano já o meu marido é analfabeto ele nao sabe ler ate qui eli tento estuda naquele aula que tinha a noiti dos adultos ... mais não deu cerrrto não e paro .

9- O que a senhora acha do ensino da língua na escola?

Aaa num sei muito... mas acho qui eles ensina bem.. mais ensina uma coisa só num ensina esses sutaque...nosso nem dos outros mesmo sendo que tem tanto jeito di fala né mesmo ninina.

Entrevista realizada com uma senhora de origem mineira, moradora do assentamento desde o inicio, com escolaridade de Ensino Fundamental Incompleto?

Senhora (Nina).

1- Qual a origem de sua família?

Eu só de família minera bichinha.. meus pais memu é minerus.. já meu marido era de São Paulo tamem.. só qui elei é das raça duis Japoneis.. ele é japoneis mais morava em São Paulo.

2- Como vocês se conheceram?

Nóis vinhemu di São Paulo né aqui pro Mato Grosso do sul.. ai nós se conheceu aqui mesmo.

3- Como vieram para o Assentamento São Manoel?

Nóis foi convidado pelo povo da CPT.. com aquele grupo di povo que vei..de dois irmão (município próximo do Assentamento).

4- A senhora esteve desde inicio do Assentamento?

Do Assentamento sim...só não no acampamento vim nada só era dificio di mais bichinha só.. dipois qui eu vim pra ca.. aia já logo saiu as terras.

5- A senhora gosta do local onde mora?

Gosto, gosto sim bichina, aqui num é ruim não.. só qui depois que eu cunheci o japao eu quiria mora la vixi la é bom la é bom.. japoa e o paraíso bom di mora la.

6. A senhora conheceu a família japonesa de seu esposo?

Conheci...conheci as primass dele que veio pacia... aqui..e conheci tamem quando eu fui lá no Japao.

7. Quais os costumes alimentícios e culturais da família japonesa que a senhora conhece?

Tem o tipo de comida...qui eu cunheci e gostei é gostoso bichinha... eu gosto essas comidas que eis traz de la tem muita cebola ...cozinha o arroiz com camadas de cujo coisa boa.. comi isso no restorante.agenti Tem di come sim pra conhece num é mesmo bichina.. eu gosto do arroiz muti.[...] (tipo de comida japonesa).

8. Gosta do lugar onde mora?

Gosta muito.. Ele não gosta dela.. (esposo) gosta muito de mora aqui já eu.. eu gosto muito do japão lá o um lugar bom e o paraíso... só que tem que trabaia.

Fique só um ano e poco.. tinha seu dinheiro tranquilo.

9. Consegue identificar alguma variação entre as famílias?

acho que não tem diferença não bichinha... eles fala do jeito di nós mesmo só parece qui é mais ligeirinho um poco.. uas prosa besta .

10. Existe algum costume, tradição, alimento?

Vem qui vo ti mostra as coisas qui.. eu tenho aqui.. Umas cumida boa.. tem sim.. gosta.. do tipo de alimentos que conheci... Até eu tenho.. ai.. vem.. proce sunta.

11. Qual o grau de escolaridade?

Segunda série.. só.. Não estudei.. mais porque era burra memu burra de mais ai desisti num adiantava não.

12. Consegue identificar algumas variedades linguísticas entre as pessoas?

Identifica sim eles falam do jeito e nós di outros.. qui nem.. Nois fala si cubri... Eles falam ribusa .(ato de se cobri a noite)... bem capaz que nós vai falá essas bobagem...O bichinha que coisa mais besta o jeito desce povo fala num é mesmo bichinha!

O que a entrevistada se refere a “bobagem” são as variantes dos falantes de origem japonesa em que ela tem um pouco de contato por fazer parte da família e o sotaque nordestinos de algumas pessoas que ela conhece que puxa o R e o S em suas pronuncias.

Esta entrevista foi realizada em uma conversa amigável durante uma roda de tereré (tradição regionalista do Mato Grosso do Sul) com um jovem morador de vinte e três anos, com o grau de escolaridade sétimo ano completo filho de pais com escolaridade de ensino fundamental incompleto, moradores nesta comunidade desde o início do assentamento.

Jovem - R

1- Qual sua origem familiar?

Eu nasci aqui no Mato Grosso do Sul..só.. qui minha mãe é minerá e meu pai tamem.

2- Você gosta do lugar onde mora?

Só gosto da qui du povu.. mais aqui nun é lugar bom di mora naum.. num.. tem nada nesse lugar.. se você que trabaia num tem serviço... num tem onde si diverti..num tem nada.. só.. continuo moranu aqui porque.. minha mãe tá.. aqui si não eu ia embora.. mais eu vô ainda [...].

3- Por que você parou de estudar?

Parei porque num tinha tempo de fazer as tarefas da escola.. sotinha que trabaia.. trabaia.. ajudanu meu pai..um dia eu falei pa professora que eu ia para

de estuda.. por cas.. dico e ainda meu paia mi dismintiu e falo qui era mintira.. ai qui eu fiquei cum raiva mesmo e num vô estuda mesmu [...].

4- O que você acha do ensina da língua portuguesa na escola?

Bom.. eu num gostou di portugueis.. eu era bom ni matemática nossa ai gostava eu era inteligenti na matemática.. mais eu num aprendi muita coisa di portugueis não i nem gosto tamem.

5- Você consegue identificar alguma variação linguística entre os falantes?

Vixi.. o povu fala errado di mais.. só qui tamem num dá nada naum.. entendenu é qui ta bom. Nós num tem o sutaqui di gaúcho igual me vo naum.

6- Quais os costumes familiares que vocês preservam?

Num tem nada não.. é tudo normal mesmo igual di todú mundo... Nós gosta mesmo é di churrasco que aprendemu com a raça do meu avô qui é gaúcho e gosta di chimarrão e carne assada.

O entrevistado tem seu vocabulário com variedades independente do ambiente que esteja, pois em uma outra oportunidade perguntei ao mesmo o que ele tinha feito no final de semana e ele relatou espontaneamente, mesmo sabendo que estava sendo observando suas variações linguísticas na pronuncia. Vejamos:

onti nois foi pra cidade , fui na casa do meu cunhado e quando nós chegemu la, tomemu em terere, depois mechemu na minha moto que tava ruim.e a noite nós fumu lá na avenida..tomenu uma cerveja ...quando chegemu im casa [...]

As variedades utilizadas nas palavras pelo entrevistado são claras, e de acordo com o que percebemos, estas variantes são em função de não ter o

conhecimento das outras formas monitoradas para que possa formular uma frase monitorada ou de acordo com o ambiente de conversação.

Durante o diálogo, podemos perceber que suas origens familiares são de pessoas que não frequentaram a escola por muito tempo, por falta de oportunidade, desde seus pais e avôs. Sendo assim, toda a família traz em seu vocabulário com variedades e a norma culta da língua portuguesa fica sendo algo desconhecido desses falantes.

O entrevistado aqui é um pedagogo que atuou na escola do assentamento desde sua origem e que hoje não tem mais vínculo direto com a escola, portanto vejo a necessidade de uma reflexão sobre seu ponto de vista em relação o ensino e em especial à linguagem. De acordo com os níveis linguísticos, podemos observar que o mesmo utiliza da variação estilística, ou seja, uso um vocabulário monitorado, com conhecimento de nível superior que utiliza a variação de acordo com cada circunstância. Vejamos:

1- Como você vê o ensino de língua portuguesa na escola?

Acredito que o ensino de língua portuguesa vem atendendo os alunos..na medida do possível e estão aprendendo. Podemos ver isso.. quando um aluno nosso..sai daqui para fazer um vestibular na universidade e passa nas melhores colocações.

2- Você consegue identificar alguma variação linguística entre os alunos?

Existem sim..variedades na forma de falar.. mas não interfere muito na relação uns com os outros não.. porque quase todos alunos aqui da escola são nascidos e criados aqui mesmo..e não tem muita diferença na fala deles..mesmo que os pais dos alunos vieram de região diferentes tem os mesmos costumes da região.. então acaba que todos se acostumam com o jeito uns dos outros..e os filhos vão perdendo o sotaque que às vezes os pais têm. A cultura.. os costumes das famílias são parecidos.

3- Qual seu ponto de vista em relação ao método de ensino dos professores de língua?

Olha... esse é um dos problemas. Porque os professores são formados nas determinadas áreas.. mas estão só pelo dinheiro e não preocupados com o aprendizado dos alunos.. ai você acha que eles vão querer trabalhar as variações do aluno? Vão nada.. só usa o livro e pronto não discuti nada disso não.. eles aprendendo as regras da gramática tá bom [...] mas é importante que os alunos conheçam as normas corretas pra usar na escrita..isso é importante.

4- O que você acha das variedades linguísticas e a norma padrão?

Essa norma padrão toda formal na verdade.. só existe nos livros mesmo e nas gramáticas.. porque todo mundo fala variado até mesmo nós professor não fica o tempo todo falando certinho. Eu mesmo não vou ficar falando errado na escola.. como o prefeito.. com as minhas filhas.. mas tem certas pessoas que a gente convive que não precisa falar perfeito porque eles não falam assim e a gente se comunica normal sem muita frescura.

4.3 - Variedade linguística na Escola polo Municipal Rural São Manoel

Para analisar o ensino da língua na escola e comunidade, houve um planejamento de como seria feito as observações e anotações do ponto de vista do professor de língua portuguesa atuante em sala, de alunos das séries finais do ensino fundamental. E a partir das observações e diálogos com profissionais da unidade escolar, fica subentendido que não há diversidade linguística.

Diante disso, apresenta – se a fala de uma professora de língua portuguesa em que a mesma afirma equivocadamente que não vê muitas variedades entre os alunos na linguagem oral e escrita. Mas, o que existe são deficiências de aprendizagem da língua entre alguns alunos por inevitavelmente alguns terem facilidades e outros não.

No entanto, percebe – se que as variedades estão presentes nos sujeitos. Para isso seguem os dados recolhidos na escola durante observações que mostra a existência dessas variedades:

Aluno 1 – eu nun tem história prossora.. o que eu conta não vai convenha a voceis.

Professora- todo mundo tem história, conte algo ...

Aluno 1- tava tudo errado no meu acontecimento... eu aprontei muito na escola queu estudava.. eu aprontava eu era o capeta.

Professora –V- fala um pouco de sua historia que marcou .

Aluna 2- iii... professora si eu conta.. só tem coisa cabulosa.. dexa queto.(tosuano meu pé taté melado di tanto calor vamu lá pra fora professora dibaxo do pé de manga.

Professora – V- fala então você (aluno 3).

Aluno – 3 - num tem nada de importante.. um dia na escola nós tava tudo atentado.. nois combinemu di dexa a prossora doida.. nois foi la pra fora e quebramu tudo o vidru da escola.

Professora- Por que fizeram isso?

Aluno- 3- porque us minino me itanazavam.

Professora- o que é itanazavam ?

Aluno 3 – itanazavam! é mi dexava doido di raivai i porque aquela gazela saltitante era muito chata.. e nós num gostava da aula dela.

Professora- o que é gasela saltitante ?

Aluno 3- acho que é aqueles viadinhos do mato que fica pulano..

ALUNO -4 nunca vi ninguém falá isso agora.. vô chamá a... de gazela saltitante porque ela é muito doidinha.